



D. HELOISA TEIXEIRA

Jovem e distinta senhora da alta sociedade da Bahia
(BRASIL)

ALMA NOVA

REVISTA PORTUGUESA

"ALMA NOVA"

PROGRAMA:

CONTRIBUIR PARA O RESSURGIMENTO NACIONAL
E DESENVOLVIMENTO DO INTERCÂMBIO LUSO-BRASILEIRO

Directores literários: ALCANTARA CARREIRA e MATEUS MORENO — Director Artístico: J. SAAVEDRA MACHADO

Secretário da redacção: REBELO DE BETTENCOURT

Administração

C. de João do Rio, 8, 1.^o
LISBOA

Propriedade e edição da
Empresa Ressurgimento

ASSINATURAS (Pagamento adiantado)

Continente, Ilhas e Espanha...	Semestre 6 n.º	15\$00	Ano 12 n.º	28\$00
Colónias		18\$00		32\$00
Outros países				40\$00

Número avulso 2\$500

Redacção

Rua da Assunção, 42, 2.^o

LISBOA

TELEFONE

N. 5396

III.^a S.^a — Num 31 (31 e 32)

Setembro de 1925

SUMÁRIO

CAPA (primeira página) D. Heloisa Teixeira, jovem e distinta senhora da primeira sociedade da Bahia (Brasil)	Fotografia
ALBERTO DE OLIVEIRA—classificado o príncipe dos actuais poetas brasileiros.	Mateus Moreno
CRÓNICA—O nosso novo director Alcântara Carreira.	Redacção
O BRASIL DE HOJE—Na grande empresa de «O Malho» (com fotografia).	
GONÇALVES FIDALGO (com fotografia).	
BRASILE GERSON (com caricatura de Valverde).	
UM JOVEM ARTISTA PLÁSTICO E UMA GRANDE FIGURA DO BRASIL (com fotografia).	
O JORNALISMO E A MÚSICA NO BRASIL—Oival Costa e Marcelo Tupinambá (com fotografias).	
AS GRANDES INICIATIVAS DOS PORTUGUESES NO BRASIL.	
AS REVISTAS PORTUGUEASAS «A. B. C.» e «ALMA NOVA» NO BRASIL.	
A ALMA FEMININA DE S. PAULO—Ao partir!	Alcantara Carreira
SOCIEDADE BRASILEIRA—A Ex. ^{ma} Sr. ^a D. Noémia Nascimento Gama.	Fotografia
PINTORES ALGARVIOS—Alfarrobeiras do mar (Reprodução de quadro).	Samora Barros
INSTANTANEOS (com ilustrações).	Redacção
ARTE POPULAR PORTUGUESA—Os púcaros cá da gente (com ilustrações de Saavedra Machado).	Luis Chaves
NOTAS DO MES.	Redacção
PUBLICIDADE: Últimas publicações, Livras brasileiros, Casas recomendadas, etc.	
CAPA (última página): A melhor sardinha de Portugal	Casa Gouveia e Santos

A «Alma Nova» desde o próximo número passa a sair a 15 de cada mês

Avisamos os Ex.^{mos} assinantes antigos de que as suas quotas, até ao fim do corrente ano, se referem aos números que vão indicados no parêntesis

LIVROS A' VENDA NA "ALMA NOVA,"

Sangue d'Epopeia—A Artilharia Portuguesa na Flandres, por MATEUS MORENO, tenente de Artilharia. 1. vol. il. broch.	4\$00	O Inverosímil—Conferência Proibida, original do insigne escritor e moralista LORDE PECHINHA DE NADAYALE	2\$00
Na guerra e na Paz—Sinfonia Macabra, id., id. (3. ^a edição.	2\$00	A Educação Moral—Pelos exercícios de redacção, (com a metodologia deste ensino), por JOSÉ GUERREIRO MURTA, Prof. efectivo dos liceus	4\$00
Minha Pátria—Poema em 3 lições e 3 jornadas, id., id., 2. ^a edição, broch., 3\$00, cada livro	1\$00	Da Verdade, por JOÃO JOSÉ GOMES	2\$50
Cantigas (2. ^a edição), por REBELO DE BETTENCOURT, com prefácio de Luis Chaves. 1 vol. broch.	3\$50	Êça de Queiroz—Revelado por uma ilustre senhora de sua família» (D. C. D'ÊÇA DE MELO)	3\$00
Odes de Anacreonte, por LUIS CALADO NUNES	2\$50	Contos para crianças, por D. BRANCA LOPES MARTINS, com ilustrações de Roberto Nogueira (Ed. Maranus — Porto)	8\$00
Campanhas Camilianas, por OLDEMIR CESAR E CRUZ MAGALHÃES, 1 vol. broch., com il. de Rafael Bordalo Pinheiro	5\$00	A Entrevista, por CRUZ MAGALHÃES, 1 op. il.	1\$00
Fui Êça de Queiroz um plagiador? por CLAUDIO BASTOS	1\$00	O Desenho e as Mulheres no labor artístico de Rafael Bordalo, por SAAVEDRA MACHADO, edição de luxo, formato grand: e profusamente ilust. (a ninar no prelo)	

"ALMA NOVA" volumes I e II da 3.^a série, encad. 2\$500, broch. 1\$500

Em todas as remessas destes livros se faz o desconto de 20%, aos assinantes da Alma Nova

ATENÇÃO!

Interessa-vos anunciar na "ALMA NOVA", porque é uma revista lida em todo o Continente, Ilhas, Colónias e principais mercados do Estrangeiro. Pedir prospectos e preços dos anúncios.

Directores Literários:
Alcântara Carreira
Mateus Moreno

ALMA NOVA

REVISTA DE RESSURGIMENTO NACIONAL

Director Artístico:
Saavedra Machado
Secretário:
R. de Bettencourt

ANO 4.º (XI.º) — III.ª SÉRIE

LISBOA — SETEMBRO DE 1925

VOL. III — NÚM. 31 (31 e 32)



ALBERTO DE OLIVEIRA

CLASSIFICADO O
PRINCEPE DOS ACTUAIS
POETAS BRASILEIROS,
NO CONCURSO NACIO-
NAL QUE ACABA DE SER
REALIZADO PELA PO-
PULAR REVISTA "FON-
FON" DO RIO DE JA-
NEIRO

C R Ó



N I C A

O NOSSO NOVO DIRECTOR ALCANTARA CARREIRA

DAMOS hoje aos leitores da "Alma Nova, uma agradável notícia: a entrada do poeta, prosador e conferencista sr. Alcantara Carreira para nosso co-director.

Uma palavra para a apresentação do novo companheiro e das suas propostas dentro da revista:

Alcantara Carreira nasceu em Coimbra; estudou, menino, em Castelo Branco; estudou, trabalhou, fez-se homem e escreveu, a seguir, no Porto. Ali estimularam-no tanto que, com pouco mais de vinte anos e já três livros de versos publicados, o elegiam director da Associação dos Jornalistas e Homens de Letras e do Ateneu Comercial, e o governo da monarquia offerecia-lhe o Officialato de Santiago, pela sua colaboração no centenario do nascimento do Visconde de Almeida Garrett.

Quando o principe D. Luis Filipe foi a Africa, a imprensa do Porto escolheu-o para o representar nessa viagem, emurgo que teve por fim de declinar, por tal viagem haver sido varias vezes adiada e se encontrar em Londres quando se iniciou.

A sua vida passou-a desde então quasi permanentemente fóra do país, mas sempre com os olhos e o coração postos nos destinos d'esse. Primeiro esteve em Paris e Londres, donde mandou criticar para "O Primeiro de Janeiro"; depois passou a visitar o Brasil, onde fez conferencias e ganhou amigos. No Brasil foi redactor-representante do "Brasil-Portugal", depois de "O Primeiro de Janeiro", e d' "Os Serões", e, ultimamente, critico e delegado do "A R.C.", qualidade em que acompanhou o dr. Antonio José d'Almeida, na sua viagem presidencial aquelle país, e que lhe mereceu o Officialato de Cristo, com os maiores elogios do venerando Presidente, pelos serviços então prestados.

No Brasil, onde é queridissimo, pelo muito e bem que ali tem sempre dito das coisas portuguezas e pelo muito que tem trabalhado, em Portugal, em prol dum mais perfeito conhecimento dos valores e do progresso, doquelle país; na America do Norte e no Oriente, que já visitou tambem, em toda a parte se tem esforçado por tornar querido o nome portuguez, já realizando conferencias, já escrevendo.

As suas obras literarias, totalmente esgotadas, são: "Livro d'Alma", "Doida Juventude", "Deixando a Patria", "Pecadora", "Milagre do Amor", "Daquem e d'Além-Mar", e o emocionante acto em prosa, passado no dia em que a Alemanha declarou guerra a Portugal e representado no teatro Republica a 16 de Maio de 1916, — "Rosa Lusitana".

Entre as suas conferencias mais notaveis, contam-se: "O Amor e o Trabalho", "Mozinho de Albuquerque", "A Mulher e o Amor", "Hercules e Gaiet", "Corrida", "Julio Lima e a sua obra", "Historia de Portugal — a historia do povo e não dos reis", "As poetisas portuguezas", e "Portu-

gal, lexera potencia colonial do Mundo, — a sua moderna geracao, — conferencia esta que obteve no Brasil um legitimo successo, não só pelas verdades affirmadas, mas tambem por ter sido feita no Rio e repetida, o pedido, em S. Paulo, no momento em que alguma, aquelle país, tentava amesquidar o esplendor do passado e do presente da literatura portugueza.

A bibliografia atraz citada deremos juntar ainda dois romances publicados em folhetins na imprensa do Brasil, além de inumeros artigos, criticas e poemas, dispersos pelos jornais e revistas, sobretudo brasileiros, e um volume, que tem pronto para publicar, com o titulo "Serenamente".

As escrevermos estas linhas, sabemos que — frato da gratidão e da confiança que a sua pena e o seu caracter merecem no Brasil — lhe acaba de ser enviada a representação em Portugal, com honras de Director, dos jornais "Folha da Manhã", e "Folha da Noite", e das revistas "Novissima", e "Terra e Mar", de S. Paulo, e "Illustração Brasileira", "Leitura para todos", "Para todos", "Artequim", "Semana Desportiva", "O Matão", "Vida Domestica", e "Frua-Frua", do Rio de Janeiro.

Deve-se a Alcantara Carreira o terem sido editados em Portugal: "Discursos e Conferencias", de Rui Barbosa; "Contrastes e Conferencias", de Euclydes da Cunha; "Ondas", de Luis Murat; "Talita", de Pinto da Rocha, entre outras obras de bella litteratura brasileira, e deve-se-lhe neste momento o termos visto esplender, com aplauso unanime do publico e da imprensa, nas vitrinas das principaes livrarias de Lisboa, as obras de muitos dos modernos e mais brilhantes escriptores brasileiros, tanto em livros como revistas, os quaes Alcantara Carreira conseguiu alguns nossos confrades e editores do Brasil que fossem postos a venda, entre nio, no preço do mercado portuguez.

E, pelo que se refere ao livro portuguez no Brasil, tendo, nem inquerito que fez nas livrarias do Rio e de S. Paulo, verificando ali a ausencia de muitos dos bons livros portuguezes (do que o publico brasileiro se queixa), offereceu-se para aqui fazer a escolha e a respectiva remessa das nossas boas obras, missão de que já foi encarregado por quatro grandes livrarias — duas do Rio e duas de S. Paulo.

E se acrescentarmos, por fim, que Alcantara Carreira, em todo este seu intensissimo labor, sempre desprezou, obviou ou deu minima importancia a lauros monetarios, teremos por assim dizer definida e completada a personalidade que acabamos de convidar para nosso co-director literario e de quem tão amavel, quanto desinteressado e entusiasmado aquiescencia acabamos de receber.

Como Alcantara Carreira é de si um programa — o programa do interclassismo luso-brasileiro —, é logico que a "Alma Nova", com a sua entrada para a respectiva direcção litteraria, acrescente esse programa ao de Resurgimento Nacional, pelo qual até hoje se tem lutado.

MATEUS MORENO



O BRASIL DE HOJE

NA GRANDE EMPRESA DE «O MALHO»



DIRECTORES, redactores e gerentes das publicações da grande empresa de *O Malho*, ou sejam, *Ilustração brasileira*, *Leitura para todos*, *Para todos*, *O Malho*, *Arlequim*, *Semana Desportiva* e *Tico-Tico*, rodeando o nosso director Alcântara Carreira, durante a visita por este feita ás colossais oficinas onde são impressas as referidas e esplêndidas publicações, que irradiam ás dezenas de milhares pelo Brasil e que vão hoje a todo o país civilizado. Entre nós essas publicações estão obtendo um autêntico successo, esgotando-se rapidamente e demonstrando duma forma brilhantíssima o esplendor literário e gráfico do Brasil. Neste grupo, onde se vêem o ilustre escritor dr. Alvaro Moreyra, director da *Ilustração brasileira*, e os Drs. Olegário Mariano e Onestaldo de Pennafort, distintos colaboradores da formosa revista e poetas admiráveis, faltam, entre outros, o eminente director-gerente desta grande empresa, Ex.^{mo} senhor José Pimenta de Melo, industrial opulento da mais fina sociedade do Rio de Janeiro, que em Portugal fez os seus estudos e aqui conta amigos e admiradores, — filho dum português do mesmo nome que deixou entre nós e no Brasil respeitadíssima memória — ; e falta ainda o querido e simpático gerente da mesma empresa, Ex.^{mo} senhor Léo Osório.

O Ex.^{mo} senhor José Pimenta de Melo é também o proprietário e director-gerente da considerada livraria Pimenta de Melo & C.^a. Prestando-lhes hoje esta modesta homenagem, reservamo-nos para de futuro as tributarmos individualmente a cada um deles, quando tivermos os elementos necessários para isso.

GONÇALVES

FIGURA altamente simpática, coração de ouro e espirito muito culto, cheio de iniciativas e de audácia, o director da *Vida Domestica*, Ex.^{ma} senhor Jesus Gonçalves Fidalgo, occupa um lugar de justo relevo na vida actual do Brasil. Rodeando-se de brasileiros e portugueses, literatos e artistas, associou á sua empresa o admirável artista fotografico Ex.^{mo} sr. Frederico Jaque, e há anos que dotou o Brasil com o esplêndido «magazine» que dirige, cujo titulo não deixa adivinhar a



JESUS GONÇALVES FIDALGO



RENATO TRAVASSOS

Secretário da redacção da *Vida Domestica*
e autor do magnifico livro *Oração ao Sol*

DISTINTO
DIRECTOR
DA BELA
REVISTA
DA
VIDA DOMESTICA
DO RIO

FIDALGO

beleza gráfica e literária que representa, e que forma entre as primeiras publicações do seu género existentes no Rio de Janeiro. Entre nós, a *Vida Domestica* tem tido a mais carinhosa e entusiástica aceitação.

O redactor-secretário da *Vida Domestica* é o excelente poeta brasileiro Renato Travassos, autor do recente livro *Oração ao Sol*, e são seus redactores os distintos escriptores Manuel Pinto Balsemão e Gomes de Sousa.



FREDERICO JUNIOR

Primeiro brasileiro da nova geração,
autor do primeiro livro *Vida Fida*

BRASIL

Brasil Gerson é o mais jovem dos críticos teatraes. No entanto, é de notar-se a penetração invulgar que revela. Trabalhou vários anos em *O Brasil*, do Rio. Há poucos meses occupa o cargo de crítico do *Diário da Noite*, em São Paulo. É vanguardista, e dos vermelhos. Aos críticos de São Paulo, entre eles Martin Dany, A. de Alcântara Machado e Brasil Gerson — na primeira linha — deve-se a formação de um



VALVÊRDE

GERSON

ambiente propicio ás novas tendências do teatro. No Rio, Gerson estava isolado.

É autor de duas peças, a serem representadas dentro em breve: — *A mulher é uma esfinge* e *O homem que não amou*.

Gerson há-de ir longe. Tem sciutilação, tem nervos, tem talento.

A máscara que damos é do distincto caricaturista brasileiro Valverde.

UM JOVEM ARTISTA PLÁSTICO E UMA GRANDE FIGURA DO BRASIL

JOSÉ CUCÉ

JOSE Cucé é um rapaz de 23 anos — paulista da gema. Bem se pode dizer que é auto-didacta. — Foi o braço forte do escultor Ximenes, na construção do monumento da Independência, na colina do Ypiranga. — Venceu, em 2.º lugar, o concurso internacional para o monumento a Santos Dumont, no Rio. — Venceu, em 1.º lugar, o concurso para o monumento ao Soldado Desconhecido, em Catânia (Itália). — Venceu, em 2.º lugar, o concurso de grupos alegóricos das Artes, para o Teatro Municipal de Campinas.

Entre as suas obras, que são já copiosas, destacam-se as frisas para o Palácio Esplendor; uma estátua, maravilhosa de expressão e originalidade — «Eva», exposta no salão paulista de Belas Artes, d'este ano, com grande successo; o busto do grande pintor Pedro Alexandrino, e a Fonte e a Flor, sobre versos de Vicente de Carvalho.

José Cucé é uma das mais radiosas esperanças da arte brasileira.

Tímido, modesto, simples, — enfim: Alguém.



O TALENTOSO ESCULTOR BRASILEIRO
DA NOVA GERAÇÃO: JOSÉ CUCÉ

SANTOS

O FAMOSO DOMINADOR
DOS AERES, CUJO SA-
BER E HEROISMO O
MUNDO INTEIRO APRE-
CIA, ACABA DE RE-
CEBER AS HONRAS DO
1.º LUGAR ENTRE OS



O GRANDE AVIADOR BRASILEIRO
SANTOS DUMONT - Busto de José Cucé

DUMONT

INVENTORES BRASILEI-
ROS, NO CONCURSO
NACIONAL MISTO PE-
LA REVISTA FUNDA-
DO RIO, PARA A ELEI-
ÇÃO DAS MAIORES FI-
GURAS CONTEMPORA-
NEAS DO BRASIL

DE A'QUEM



E D'ALÉM-MAR

AS GRANDES

INICIATIVAS

DOS PORTUGUESES

NO BRASIL

É notabilíssima a série de grandes iniciativas da colónia portuguesa do Brasil. Desde a instituição das Beneficências, Gabinetes de Leitura e Liceus, passando pelas comemorações e subscrições patrióticas, até á *História da Colonização* — esse autêntico monumento científico e literário da Raça, prestes a concluir-se, — á fundação dos Centros Regionais, para ser instituída a *Casa de Portugal*, quantos gestos e quantas afirmações admiráveis de patriotismo dos portugueses residentes no Brasil!

A' *Casa de Portugal* se referiu Mateus Moreno, na «Crónica» do nosso último número, transcrevendo o officio que lhe participava ter sido nomeado sócio correspondente do Centro Algarvio, a que pertence; Alcântara Carreira, que é também sócio correspondente do Centro Duriense — onde se inscreveu como filho de Coimbra —, o ano passado, na conferência que fez no Rio, entre outras coisas sobre a *Casa de Portugal*, o disse seguinte: «É tão bela, é tão grande e de tão estupendos resultados, por certo, a consecução desta ideia genial, que eu fiquei deslumbrado quando há dias, visitando os Centros Regionais, a vi a caminho da sua realização».

Mas a esplêndida árvore do patriotismo português não cessa de produzir magníficos frutos: em S. Paulo, por iniciativa do digno consal português dr. José Augusto de Magalhães, já valiosamente secundado pelos nossos compatriotas de lá e de cá, fundou-se agora a Liga Propulsora da Instrução em Portugal, generosa e luminosa ideia dum soberbo alvo — a extinção do nosso analfabetismo. Alcântara Carreira inscreveu-se imediatamente sócio contribuinte e pôz-se á inteira disposição da comissão organizadora, que o encarregou duma missão especial junto da comissão que está sendo organizada em Portugal.

A *Alma Nova* põe as suas colunas e as penas dos seus directores ao serviço não só destas três últimas soberbas iniciativas dos nossos patricios que vivem no Brasil — *História da Colonização*, *Casa de Portugal* e *Liga Propulsora da Instrução* — mas também á de todas e quaisquer outras que se lhes sucedam.

E d'oravante, a todos — Gabinetes de Leitura, Liceus, Câmaras de Comércio Portuguesas, do Brasil, e Centros Regionais Portugueses, do Rio, — a todos a *Alma Nova* levará, embora modestíssima, uma parcela vibrante da intelectualidade portuguesa.

AS REVISTAS PORTUGUESAS

“A. B. C.,, E “ALMA NOVA,, NO BRASIL

A LÉM da nossa, para nosso co-director, também a excelente revista popular de acontecimentos semanais, que o glorioso escritor Rocha Martins dirige e o grande *metteur en scène* gráfico, Mimon Anahory, administra, acaba de convidar Alcântara Carreira para seu director literário e administrativo, no Brasil, onde tanta vez tem representado aquele *magazine*, que assim premeia a dedicação e a probidade d'esse seu antigo colaborador e crítico literário.

A função que a revista «A. B. C.», de Lisboa, desempenha há mais de cinco anos, áquem e além fronteiras, é das mais nobres e mais salutaras.

Inteiramente independente, como é próprio dos destacantes espiritos que a dirigem, magnífica e variadamente colaborada por algumas das nossas mais modernas e scintilantes penas, ella tem prestado a Portugal relevantissimos serviços — á sua dignificação, á sua instrução, ao seu renome —, e em meio da forçada elevação de preços da publicidade entre nós, que tudo atingiu, inclusivé os jornais e as revistas, é a única coisa barata que existe, talvez, em Portugal. Enquanto Rocha Martins e os seus colaboradores lhe emprestam um brilho e uma *souplesse* invulgares, Mimon Anahory, ao leme administrativo vendo outras publicações de raizes profundas sossobrem, timbra em manter o seu querido «A. B. C.» firme e altaneiro, resistindo a todas as investidas de absorção ou alienação e oferecendo-o á ansiedade do publico ao preço inconcebível de cincoenta réis (cinco centavos) de antes da guerra. Por isso daqui saudamos, com respeito e admiração, todos os que trabalham no «A. B. C.» de Lisboa, a popular revista que vai de todos os recantos de Portugal a todos os recantos do Brasil.

O JORNALISMO E A MÚSICA O O O NO BRASIL O O O

OLIVAL COSTA

A *Alma Nova* tem o mais alto e o mais fino prazer em apresentar á elite intelectual portuguesa o retrato do director dos muito queridos jornais de S. Paulo, *Folha da Noite* e *Folha da Manhã*, Ex.^{ma} senhor Olival Costa, vibrante e brilhante jornalista brasileiro que ocupa, na imprensa e na sociedade daquele amado país, uma admirável situação de destacante independência.

A *Folha da Noite*, fundada há cinco anos, é um grande vespertino da magnífica capital do grande Estado de S. Paulo, e a *Folha da Manhã*, fundada há poucos meses, rapidamente se impoz também. O Ex.^{ma} senhor Olival Costa, que fez as suas armas jornalísticas, durante longos anos, no grande jornal — um dos maiores e mais con-



O Ex.^{ma} Sr. OLIVAL COSTA

Vibrante jornalista brasileiro e grande amigo de Portugal

sideráveis do Brasil — O *Estado de S. Paulo*, é um soberbo director de jornal, tudo vendo, tudo prevendo, rodeando-se dos mais novos e scintilantes talentos, como Paulo Gonçalves, Correia Júnior, Plínio Salgado, Lellis Vieira, Filemon Assunção, Silveira Bueno, o caricaturista Belmonte, etc.

Grande amigo de Portugal, consorciado com uma distintíssima senhora portuguesa, no seu lar, ao único filho que possui, belo menino de dez para onze anos, todos chamam o «Português».

Permitimo-nos dar aqui este traço, para nós tão cativante, da vida íntima do ilustre jornalista (liberdade de que lhe pedimos desculpa), porque, de facto, ele nos tocou, sensibilizadamente, o coração.

MARCELO TUPINAMBÁ



O GRANDE
MAESTRO
BRASILEIRO
MARCELO
TUPINAMBÁ

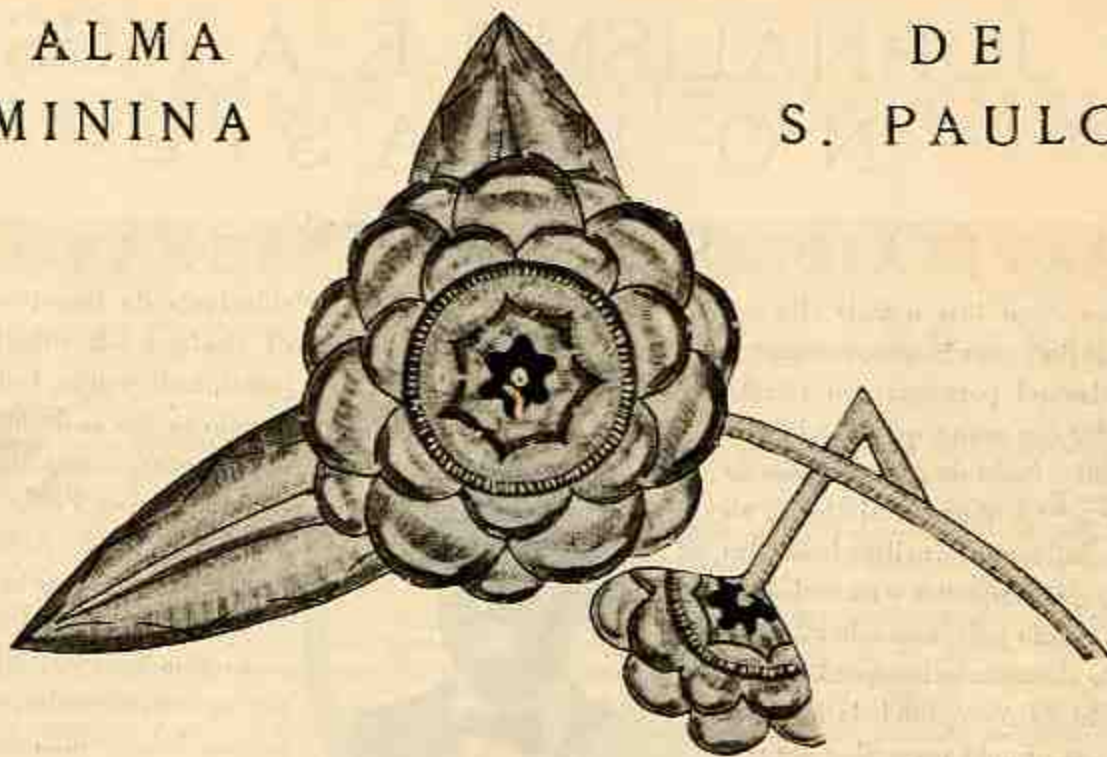
ÉIS um nome que todo o Brasil conhece e admira e que em Portugal já começa a pronunciar-se, mas que é preciso gravarmos bem na memória, como o de um bellissimo maestro brasileiro, cujas composições há muito todos no Brasil enaltecem e que por nossa parte nos cumpre também conhecer, inclusivamente convidando-o a vir a Portugal patentear a sua notabilíssima obra.

E há de vir até nós, Marcelo Tupinambá, temos fé, temos esperança. Está de novo tratando do assunto quem por isso muito se empenha e não costuma desistir dos seus intentos.

Só assim teremos um autêntico regado musical; tanto mais que Marcelo Tupinambá se faz acompanhar duma excelente cantora intérprete das suas músicas e que ele acompanha ao piano. Há além disso projecto de que venha ainda acompanhado do notabilíssimo poeta e escritor teatral, Paulo Gonçalves, que fará conferências sobre a música e a literatura brasileiras.



ODISTINTO
PIANISTA
E COMPOSITOR
BRASILEIRO
ALONSO ANÍBAL

A' ALMA
FEMININADE
S. PAULO

AO PARTIR!

DEUSA da Graça da Beleza e da Harmonia!, venho depôr a teus pés uma súplica fremente:

Vou partir, vou regressar a Portugal. Deveres sagrados, os sagrados deveres do meu lar, dourado e perfumado por uma parcela da tua Alma da Alma Feminina de São Paulo não me permitem aguardar aqui a chegada dos estudantes da minha Pátria.

A' hora em que os primeiros que de lá virão — os da Tuna Académica de Coimbra, — deslumbrados já pela imaginada, estonteadora perspectiva do Brasil, deixarem o estuário inolvidável do Tejo, deixarei eu, pela décima nona vez, a maravilhosa Guanabara!

Alma Feminina de São Paulo:

Para todos eles peço o teu divino acolhimento!

Os primeiros que vão chegar, vêm, porém, da minha cidade natal: de Coimbra! Vêm cantar-te e tocar-te os fados com que foi embalada a minha meninice; vêm dizer-te as estrofes do Sonho e da Paixão, que eu desejo sejam a minha derradeira sensação auricular!

Alma Feminina de São Paulo, fonte ubérrima de Graça, de Beleza e de Harmonia:

Quando chegarem e passarem sob as tuas varandas e janelas, as capas e batinas da lendária Academia de Coimbra, derrama sobre elas a luz do teu olhar celestial, as flores do teu angelico sorriso!

E á hora em que as suas guitarras, soluçando, acompanharem a voz maguada dos que vêm cantar-te a elegia do Fado: á hora em que a figura lírica de Menano, esguia como um choupo, se erguer envolta nas dobras negras, elegantes, da sua capa e batina, e dos seus lábios irromper a carícia tristíssima das notas sentimentais da Canção da Saudade, deixa que a tua alma — ó Alma Feminina de São Paulo — comungue a Hóstia de Poesia imaculada e imaterial daquela Raça de heróis e de tropeiros, que é em grande parte a tua Raça, a Raça imortal da maioria dos teus avós!

São Paulo, Julho de 1925.

ALCANTARA CARREIRA.

O nosso novo camarada de direcção, saindo do Brasil no momento em que os estudantes portugueses partiam para ali, não quiz deixar o grande país irmão de Além-Atlântico, sem dirigir á Alma Feminina de S. Paulo as belas palavras de emocionante ternura e profunda nobreza que damos acima e que os dois grandes jornais paulistas *Folha da Noite* e *Folha da Manhã* publicaram em lugares de honra.

A essa formosa súplica, juntamos os nossos mais ardentes votos, para que a Tuna Académica de Coimbra e o *Cefêdo Académico de Lisboa* — no qual foi representando a Alma Nova o ilustre presidente do Nôção de Ressurgimento Nacional, dr. Manuel Gomes dos Santos — continuem a ser acolhidos em todo o Brasil com os extremos de amizade indefectível e particular carinho de que o *telegrafo* nos tem informado. — M. M.

SOCIEDADE BRASILEIRA



Ex.ª SENHORA D. NOEMIA
::: NASCIMENTO GAMA :::
PRIMOROSA *DISEUSE, DE S. PAULO



INSTANTANEOS

A vida moderna tem de ser observada rapidamente, impetuosamente, — com a velocidade de um instante. A melhor arma do repórter passou, por isso, a ser o Kodak. Primeiras impressões, sínteses, «capitais» tipográficas, — eis tudo!

Uma revista com o título de *Alma Nova* não podia pôr de lado estes princípios.

São, portanto, simples notas de «reportagem», rápidas, muito ligeiras, ajeitando como pequeninas borboletas sobre a seara dos factos, sobre a vida que passa, enfim o que o leitor poderá vir nesta página encontrar.

Falemos de política:

Morna, sem interesse. Começou afinal o verão, que este ano parece ter vindo 4 meses mais tarde, — e também começou o julgamento dos implicados na revolta do 18 de Abril. Parlamento fechado e representantes a banhos. Sossigo, enfim...

E' provável que o governo do sr. Domingos Pereira continue a dar feito... até às eleições, se não começarem a revoltar-se contra a abundância os Sócios da corte esquerdista...

O Dr. Ginestral, entrevistado sobre a política geral, disse, há dias ao *Diário da Tarde*:

«...não é apenas do governo, seja qual for, que depende o poderem as eleições esclarecer o horizonte da vida política».

Com a proximidade do acto eleitoral... — intervém o jornalista.

«Evidenciam-se, rigorosamente, dois velhos e antagonísticos critérios, quanto à melhor distribuição das forças políticas do regime. De há muito que defendemos os grandes partidos, e cada vez mais nos convenceremos de que o seu fortalecimento é a primeira condição para se regularizar a vida política da República. E também sempre julgámos, e continuámos julgando, que em Portugal mais de dois grandes partidos de governo não podem existir».

As nossas colónias da África:

Tornam a voltar-se as atenções dos estrangeiros para os nossos domínios africanos, não se peitando os interessados na campanha difamatória contra Portugal de se servirem da colónia. E' indispensável que as atenções e o carinho pelo que é nosso, e sem o qual quasi nada somos, saibam, pois, mais que competir, desarmar todas as possíveis ambições.

Felizmente, três belas iniciativas portuguesas em prol das nossas colónias, podemos hoje registar: A primeira é a publicação do «Boletim da Agência Geral das Colónias», de que já saíram 2 grossos volumes de duzentas e tal páginas, cada, e as outras duas, a utilização do cinema na propaganda das riquezas e da vida social indígena, nas nossas colónias, e estabelecimento de dois prémios, um de 5.000\$00 e outro de 2.500\$00, para distribuir anualmente às duas melhores obras literárias que tenham por motivo as nossa colónias.

Tudo isto conseguido apenas com o esforço admirável do distinto colonialista Dr. Armando Cordeiro, Agente Geral das Colónias, em Lisboa.

Como falaria Gago Coutinho:

Informam os periódicos que o governo português vai processar, por difamação, os americanos que nos acusaram de praticarmos a escravatura nas nossas colónias.

Gago Coutinho, conversando com o jornalista sobre o assunto, disse:

«...e eu tivesse que falar por Portugal nessa sociedade recreativa que funciona em Genebra, faria o seguinte discurso: Afinal o que alguns dos senhores querem é uma maneira airosa para nos extorquir as nossas colónias, de que directa ou indirectamente precisam. Só pela violência o conseguiram e nesse caso, como somos um país pouco demido para declarar guerra a nações como a Inglaterra, a França ou mesmo a Alemanha, podem ter a certeza que, enquanto houver portugueses, haremos de gritar tanto contra a violência que nos fizeram que o mundo inteiro nos ha-de ouvir. De resto, seria muito interessante que, no caso de nos considerarem indignos de ter colónias por não as sabermos administrar e por tratarmos mal os seus indígenas, se fizessem inquéritos imparciais à maneira como os outros países, que tem colónias, as administram e tratam os seus indígenas, a ver se, com maior fundamento, todos elles não ficariam sem elas. E se não quiserem encarregar os americanos de tais inquéritos, apesar da balsa especial que para tal têm, poder-nos-emos encarregar, nós portugueses, dessa missão. Que isto não há nada como falar claro...»

A Festa dos Mercados:

O *Diário de Lisboa* tomou agora a sua conta, uma linda iniciativa — a realização da festa dos Mercados de Lisboa. Para ela chama a atenção e o concurso de toda a imprensa: eis-nos. E com o apreciado colega, também gritamos:

«Prestígio à fruta, prestígio aos montes de feijão verde, prestígio à mollada de cravos, prestígio à galeria de peixes prateados e vermelhos, prestígio às coisas humildes — que custam os olhos da cara, vá lá a nota económica do orçamento doméstico —, prestígio à graça, ao plabelismo orgulhoso, encanto do mercado!...»

Dentre as mais formosas varinas dos 15 mercados citadinos, será escolhida a que deverá ficar sendo a Rainha dos Mercados de Lisboa, e haverá concursos de traços e de apresentação, com prémios aos melhores e mais lindos lugares de fruta, flores, peixe, aves e hortaliças.

As nossas capas:

A *Alma Nova*, desejando prestar homenagem às mais distintas figuras das elites portuguesas e brasileiras, vai iniciar a publicação duma série de capas às mesmas dedicadas, com a reprodução das suas fotografias ou retratos especialmente desenhados por alguns dos melhores artistas dos dois respectivos países.

A fotografia de hoje representa a Ex.^{ma} Sr.^a D. Heloisa Teixeira, uma das mais gentis e prendadas figuras femininas da primeira sociedade da Baía (Brasil).

Bibliografia:

Livros e revistas, de que brevemente nos ocuparemos:

Elas sátiras escandalosas de A. M. d'Oliveira. Edição da Autor, Lisboa, 1925.

Verbo Austero, sonetos de Francisco Costa. Edição da A. M. Pereira — Lisboa. Capa de Martins Barata.

El Consultor Bibliográfico, Publicação Mensal. Director J. C. Del Indico, Redacção Madrid. Administração Muntaner, 378, Barcelona. Revista utilissima para leitores e escritores, cujo 1.^o numero apparece em Agosto ultimo. Nele é gentilmente transcrito da *Alma Nova* o artigo que o nosso director Matheus Moreno escreveu sobre a vida e obras de Fideles de Figueireda.

Portugal, grande illustração quinzenal dos portugueses no Brasil, dirigida por Rui Chianca. N.^{os} 46, 47 e 48.

Troço e Letras, Revista Mensal, do Porto, dirigida por Armando Couto, Carlos Bastos e Jacinto Junior. O 1.^o n.^o, é bem collaborado.

Sociedade Nova, Lisboa, N.^{os} 50 e 51. Doutrina e Critica.

La Presse Latine, Paris, N.^o 60. Trai uma secção portuguesa do sr. M. Pereira da Silva, em todos os numeros.

Esperança — Oliveira do Bairro, n.^o 3. Director Padre Agostinho Pires.

A Águia, Porto. — Directores Leonardo Coimbra e Antonio Carneiro. Edição da Renascença Portuguesa, N.^{os} 31, 32 e 33.

Fras-Fras, do Rio de Janeiro, e *Novissima e Terra e Mar*, de S. Paulo.



TIPO DE VARENA DOS MERCADOS DE LISBOA.

(Des. de D. Inez Cavallero)

PINTORES ALGARVIOS



ALFARROBEIRAS:
OCEANO DO MAR
POR SARA BARROS
S.N.B.A. - XXI EXP. 197

ARTE POPULAR PORTUGUESA:



Por LUIS CHAVES
Ilustrações de Saavedra Machado

... "terra vermelha misturada de branco, do qual fazem diversos vasos muito lindos, e outros, pelos quais costumam beber os fidalgos e até o povo da terra."

ALEX. HERCULANO, *Opuscula*, VI, 71.

SE a afinidade dos nossos cântaros, cântaras, infusas e bilhas com as *amphorae* romanas é grande, não é menor a do nosso vasilhame pequeno. Por certo os modelos maiores foram os mais importados, sendo os que mais lucro davam na olaria comum, — *opus do-liare*. No entanto, por essas necrópoles luso-romanas, como a do Marco-de-Canavezes, a de Guilhabreu (Vila-do-Conde), ou as da Aramenha, Alandroal, Aljustrel, Balsa (Tavira), etc., surge do chão um verdadeiro museu de modelos romanos de porte miúdo.

Não se pode distinguir o que é obra indígena e mercadoria exótica, a não ser por estudo especial da matéria prima. Antes da colonização romana, tinham os povos peninsulares a sua cerâmica própria, correspondente às necessidades e condicionada pelos barros, técnica e suficiência artística. Até que ponto foi ela influenciada pela olaria dos invasores, primeiro comerciais, depois militares, quando o próprio César explorava por sua conta o fabrico e a colocação dos artefactos de vasilhame?

Muitos dos esses púcaros de tam variadas formas, que em Portugal se fazem e usam, podiam dizer-se torneados pelos oleiros que deixaram os vasos das necrópoles.

A nossa louçaria corresponde á dos Romanos no aspecto externo, classificado por Marquardt. Tiveram eles a louça vermelho pálida (*brun-janne*) do vasilhame grande (*dolia* e *amphorae*), — *vermelha*, mais ou menos carregada, do que faziam baixelas de preço, — a louça *parda*, para vasilhame de cozinha, — a louça *negra*. As louças vermelhas e as negras foram muitas vezes cobertas de um verniz especial, luzente e característico, espalhadas no Lácio e Etrúria; ou decoravam-nas frequentemente de relevos; mas estas, no entanto, só entraram na moda depois da expansão das baixelas de metal,

que se serviram dos modelos das de barro; eram as luxuosas *terrac sigillatae*. (1)

Também, como é natural, as nossas louças modernas variam muito de aspecto, desde o vermelho pálido do Prado, das Caldas-da-Rainha, ao vermelho intenso de Mafra, de Extremoz ou de Loulé, ou desde certos barros mais pardos, como os de Lisboa, até os negros de alguns locais dos districtos administrativos de Aveiro e Coimbra, do Prado (Tiosa e Parada do-Gatim), de Chaves (Vila-de-Nantes), (de Tondela na Beira), etc. Umam são alisadas e polidas (Barcelos, Extremoz), outras esmaltadas (Caldas, Mafra, Coimbra, etc.), com relevos, com desenhos, ora riscados (*esgrafitos*) ora pintados a óleo. Ainda ficam outras em bruto, leve e primitivamente ornamentadas por vezes, sem decoração alguma quasi sempre.

Do vasilhame de porte miúdo fazia o oleiro tudo quanto correspondia a uma necessidade: — *catinus* ou *catinum* (diminutivo de *catillus* ou *catillum*), espedelas, terrinas, pratos ovais, para refeição e cozinha; — a *patina*, *pareu*, espécie de malga de bordos pouco erguidos, para carne e peixe; — o *discus*, prato ou bacia de forma circular; — a *patera*, taça desprovida de asas e de pé, para libações; a *cortina*, *olla*, *chytia*, vasos de cozinha, panelas variadas. Semelhantes a todas estas formas, fazem os nossos oleiros de hoje o seu vasilhame pequeno.

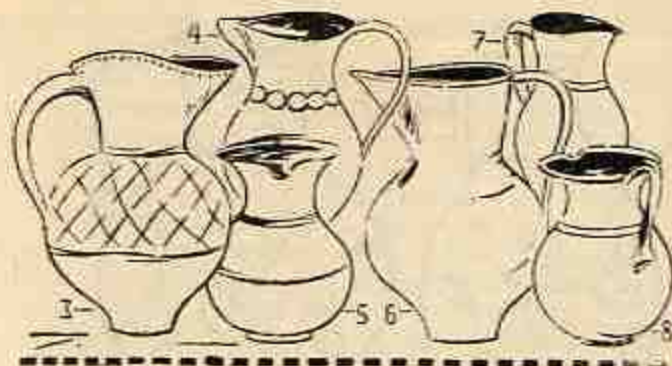
O mais elegante e numeroso de todos os modelos, na sua infinidade de formas era então como hoje a ânfora pequena, miniatura da *amphora*, bijuda ou esguia, enorme, mais ou menos fantasiada no *contharus* (2) com duas asas, para beber, que tem similar em certos púcaros bisados de



Púcarinho de barro com anilhas

(1) Marquardt, *La vie privée des Romains*, II, 310.

(2) *Guide to the Greek and Roman Antiquities* — British Museum — Londres, 1908, p. 161-162.



Extremoz; outros vasos miúdos para líquidos tinham uma asa só, como o *uenophorum*. Correspondem todos aos nossos púcaros, mais ou menos esguios, mais ou menos obesos, com ou sem asas, os bordos amolgados por três dedadas, que um dia dariam o bico, e este, quando muito desenvolvido em comprimento, iria dar ao púcaro o nome de *bicado*, como na forma algarvia de Loulé (fig. 6).

O oleiro é, como o antigo, o mesmo Sisifo agarrado à roda, a rodar, a rodar, o barro em cima a tomar forma, esbelteza, gracilidade, e saindo-lhe das mãos grossas verdadeiras obras primas de beleza. Os púcaros são, na sua variedade infinita e na sua elegância donairoza, as mais lindas peças da nossa olaria.

O barro é triturado na pia feita da concha cavada na raiz da grande árvore; serve-se o oleiro de um maço de madeira para o triturar, que chamam no Alentejo o *pico* ou *mascoto*; é passado por um crivo de pele de chibo ou carneiro, e vai a amassar na *masseira* ou *masseirão* de pinho. Daqui é tirado para a *roda* ou *tórno* com a sua *rodeira*, *eixo* e *rodalho*, ou *rodão*, *quixo* e *tampo* ou *tabuão*. O pé ou sentado na frente do tórno, o oleiro faz andar a roda com o pé sobre o *trabulo* da alavanca, ou impulsionando a roda com a mão esquerda ao passo que a direita vai dando a forma ao bloco de barro, colocado no *rodalho* ou *tampo*. Uma vez acabada a obra, é posta a secar em taboleiros, e depois vai ao forno de tijolo e pedra com uma fornalha inferior, até mesmo subterrânea, onde coze e toma cor.

E ele aí vai, o púcaro gentil, correr mundo, de mercado em mercado, para fazer serviço nas talhas, nos cântaros de onde tira água, para a receber de bilhas e infusas, onde não cabe, andando de mão em mão e de boca em boca a prodigalizar-se. Vai ao campo com as merendas e jantares do trabalhador. Vai à taberna fazer companhia às canecas vidradas, aos púcaros de folha e aos copos de vidroira espessa.

A graça com que o pucarinho miúdo poisa no prato do asado de Coimbra! Uma estátua maternal



com um pedacito de barro, dir-se-ia símbolo da família na casa onde também serve! Cantareira aberta na parede teria de ser o nicho, em que, emblema da lareira, se resguardasse na lide caseira e se oferecesse à oração pequenina da gente.

Levam as moças o pucarinho à fonte, e cantalhes a glória, a elas, as castiças canéforas de cântaro à cabeça, o vilancete de Rodrigues Lobo (1), irmão do ess'outro de Camões, filho da mesma Musa, ambos dedicados a essa «Leonor, formosa não segura».

A talha leva pedrada,
Pucarinho de feição,
Saia de cor de limão,
Beatilha soqueixada.

Leva na mão a rodilha,
Feita da sua toalha;
Com hã sustenta a talha,
Ergue com outra a fraldilha.

Nos moinhos põem os moleiros pucarinhos pelas cordas da vela; ecôam ao vento em uma ressonância de côro do trabalho, enquanto a vela á volta com o vento os vai enchendo de cantar; e tudo em redor



sabe que o moinho trabalha. Assim como os cântaros pequeninos, graciosos e risonhos, tem na alma varonil do povo um enternecimento feminino e se chamam *cantaras*, *cantarinhas*, também estes púcaros miúdos, de colo curto, largo, bordo ténuo, quasi brinquedo na labuta das mãos, são *pucarinhos*. Por oposição, *púcaras* também são púcaros grandes de ir ao fogo (2).

Era o pucarinho baixela antiga na mesa dos ricos, chegava à dos Reis, como os nossos, que sobre as taças de ouro e prata davam preferência aos pucarinhos da sua terra. Desenvolvido o luxo cosmopolita do Renascimento, enriquecida a nação, ainda aos lábios dos Reis chegava o sabor delicioso dos púcaros de Portugal.

Quem não lembra o episódio de D. João II, nos Paços Reais de Évora, com o guerreiro Pedro de Melo? Ainda há poucos anos o veio recordar João Grave aos esquecidos, no *Reinado Trágico* (3). D. João pedira de beber. Pedro de Melo trouxe ao Rei um púcaro cheio de água, sobre uma salva, como soía de ser; com a perturbação de quem mal pisava ainda os chãos do paço, deixou cair o púcaro, e derramou-se-lhe a água no chão. O desastre canhestro despertou hilaridade na assistência dos cortesãos. E o Príncipe Perfeito, com uma ironia

(1) E. Rodrigues Lobo. *As Epigramas*, ed. de 1868, «Egloga X», fl. 110.

(2) Cfr. nomenclatura antiga por Manuel Bernardes, *Luz e Cultura*, p. 376.

(3) João Grave, *Reinado Trágico*, Porto, 1915, p. 217. — D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, *Alguns palácios e respeito de Paços de Portugal*, Coimbra, 1921, p. 11.



heroica, batendo-os com o olhar seguro, exclamando com desdém: — «De que vos rídes, senhores? Ainda que lhe caísse agora o púcaro, olhai que lhe não caiu nunca a lança da mão.»

Havia outrora grande fama para alguns púcaros, como os de Lisboa, Montemor, Pombal, e sobre todos os de Extremoz, entre todos os mais notáveis.

Aos de Extremoz celebraram-nos Lope de Vega, Francisco de Quevedo, Bellini, Desmarais e Magalotti (sec. XVIII) (1). Viu-os João Baptista de Castro em Roma no Museu do Padre Kirker, no colégio da Companhia de Jesus; o mesmo cronista afirma tê-los visto nos gabinetes de monsenhores e príncipes de Itália, «onde constituem não pequeno adorno» (2). Quando o Cardeal Alexandrino veio a Portugal, os púcaros de Extremoz apareciam sempre, por eles El-Rei D. Sebastião bebia, e ele muito se aprazia em acompanhar S. M.; eram de um barro «subtilíssimo e luzidio», dizia Venturini ao referir-se a eles na descrição da viagem do Cardeal na nossa terra (1571) (3).

As *Memorias Parochiales de 1758* (tomo XIV, p. 724) referem-se de esta forma aos nobres púcaros da vila alentejana: — «Não são menos célebres os seus finos e odoríferos barros, cujos púcaros e outros vasos são estimados em toda Europa, e na Itália servem de ornato aos gabinetes dos Cardeais, e Príncipes, alguns médicos (não sei se com bom fundamento) pretenderam descobrir nelles a vertade Buzartica».

Mas não foram apenas os púcaros de Extremoz os únicos conhecidos lá fóra. A correspondência do primeiro Marquês de Niza com D. Vicente Nogueira, que estava em Roma, pertence

uma carta de 20 de Outubro de 1647, com alusão a uma remessa de um «caixão com púcaros de Extremoz e da Maia». (4)

Duarte Nunes de Leão (sec. XVI-XVII) refere-se aos púcaros de Lisboa, aos de Montemor-o-Novo que «nunca sam velhos», Sardoal, Pombal e Extremoz (5). No *Mappa de Portugal*, João Baptista de Castro, a seguir aos púcaros de Extremoz, fala dos de «Lisboa chamados da Maya, ou do Romão, feitos com «summa delicadeza, e formosura, especialmente aquelles, a que chamam de aletria, de um barro também odorífero, com os que» já lhe achou uma bella analogia o discreto Camões, para comparar as formosas «damas lisboenses» (6). (Camões, *Carta 1*). Depois refere-se aos púcaros de Montemor-o-Novo, Aveiro e Pombal. (sec. XVIII).

Para se não supôr que estes púcaros da Maia se referem a designação geográfica, deve-se dizer que a sr.^a D. Carolina Michaëlis prova que o nome da louça era devido, por qualquer derivação popular, a uns oleiros *Mais*, como, a par, era a outra de um *Romão* da freguesia lisbonense de N.^a S.^a do Monte (Calçada de Agostinho de Carvalho, á Bombarda) (*Púcaros*, pag. 31-41).

No inventário da Imperatriz D. Isabel, filha de D. Manuel, viúva de Carlos V, figurava uma colecção estimada de púcaros portugueses de Montemor-o-Novo: — «17 púcaros de Montemayor, outra pieza grande que es un jarro grande de Montemayor; otra pieza grande de Montemayor, a manera de botijas...» (7) A filha da Imperatriz, esposa do Príncipe D. João de Portugal, levou para Castela púcaros de Montemor, Lisboa e Extremoz... (8) «made



Fig. 22 — «Asado, de Miranda do Lurio»

(1) José Queiroz, *Cerâmica Portuguesa*, Lisboa, 1907, p. 3.

(2) João Baptista de Castro, *Mappa de Portugal*, I, 175.

(3) Alexandre Herculano, *Opcuário*, XI, p. 93.

(4) Este estudo da correspondência do 1.^o Marquês de Niza, foi feito pelo dr. Ramos Coelho, e a ele se refere José Queiroz, *Cerâmica*, p. 3-4.

(5) Duarte Nunes de Leão, *Descrição do Reino de Portugal*, LIX, 1610, II, 47 v.

(6) J. Baptista de Castro, *Mappa de Portugal*, I, 109.

(7) Carolina Michaëlis de Vasconcellos, *Algumas palavras a respeito dos púcaros de Portugal*, 1921, p. 13.

(8) C. Michaëlis de Vasconcellos, *id.*, 14.

«at Lisbon, Extremoz and Montemayor in Portugal...» diz o seu inventário (séc. XVI).

O padre Carvalho refere-se com elogio aos púcaros de Montemor, semeados de pedrinhas brancas, e aos de Extremoz «de artificiosas e engenhosas formas, muy celebradas em todo o reinos» (séc. XVIII).⁽¹⁾

No seu belo trabalho dos *Púcaros de Portugal*, a sr.^a D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos reúne informações de toda a ordem acerca do uso e aprêço dos nossos púcaros através dos séculos; enchem nos essas informações de púcaros de Montemor-o-Novo, Extremoz, Lisboa (da Maya ou do Romão), Prado, Caldas da Rainha, Chaves, Sardoal, Pombal; são porém de maior contingente bibliográfico os de Extremoz, Montemor e Lisboa.

As formas variam dentro de cada região, podendo reduzir-se a um número limitado de modelos. Estes, como acontecia com as louças romanas, facto já mencionado, também eram reproduzidos pelos ourives de prata, conforme se vê para peças maiores e outras menores (almofia, albarrada, jarra, almarrawa) em Inventários, Doações e Testamentos; v. gr. no Inventário de El-Rei D. Manuel havia um «púcaro de prata branca com asa»; no de um Arcebispo de Braga mencionava-se um «bacio de púcaro» redondo (séc. XVI).⁽²⁾

«Nenhum outro povo sabe tornejar na roda do oleiro com mais esbelteza e mais «puro atticismo o pote ou a bilha, a púcarara, o gomil e o pichel, de Coimbra, do Prado, de Mafra, de Redondo, de Loulé», — escreveu Ramalho Ortigão.⁽³⁾

Usava-se antigamente o púcaro e cantarinha decorados de uns sulcos riscados fundo mais ou menos pictiformes, e semeados de pedrinhas de calcário branco.

Fôra também o «púcaro de Extremoz pedrado por dentro cõ serpinha no meio, feita do mesmo barro» das «talhas vermelhas como sangue» o atesta Francisco de Moraes (séc. XVI)⁽⁴⁾, ou «pedrado por dentro, com serpe ou cobra no fundo», na expressão poética de Camões, completada pela água a chiar lá dentro com um murmúrio de regato que delisa sobre seixos⁽⁵⁾. Na talha pedrada fala o Crisfal (Estrofe 70), canta-a Rodrigues Lobo (Égloga X). Com uma talha pedrada ia pelo caminho de cima a «Lavradeira do Airô» (séc. XVII)⁽⁶⁾. A «lavradeira do Airô», chamava-se Leonor e ia «para a fonte buscar água»

com hũa talha apedrada
pucarinha de Extremoz. (p. 3)

Chegada á fonte

põe de parte o pucarinho
começa a lavar a talha. (p. 5)

E canta:

«O meu pucarinho
com que agora venho,
vede como he lindo,
de barro vermelho.

Nem se gabe ninguém
que bebe por ele,
que o meu pucarinho
só para mim serve. (p. 5)

Inda que tem asas,
a ninguém dá azos,
pega-se nos beiços,
cheira como barro. (p. 6)

Já Duarte Nunes do Leão se referia aos púcaros de Montemor-o-Novo «amassados com muitas pedrinhas, «que parece que sam tantas as pedras como o barro», — e aos do Sardoal «de barro grosseiro & semeado «de algumas pedras mais grossas que as dos de Montemor», — e aos de Pombal «quase da mesma feição», — e aos de Extremoz «semeados de pedrinhas tam miúdas que parece areia que com hũas pedras brancas «mais grossas que lhas põe em que se quebra a agoa, «são muito appraziveis; porque cada púcaro fica parecendo hũa fonte». (1)

Esse mesmo enfeite se usa ainda entre os oleiros de Extremoz e do Prado. A massa da argila, ainda fresca, é riscada de desenhos geométricos, embutindo-se-lhe então pedras miúdas nos cruzamentos dos traços.

Em geral tem os púcaros a forma de pequenas ânforas de corpo elipsoidal, pouco alongado, ou sensivelmente esférico, de galba elegante, sobre um pé alto ou numa base chata, e com uma asa, o colo gracioso, bocal circular ou guiado a terminar em bico á frente ou ao lado. Aparecem porém modelos cilíndricos (Redondo, Barcelos) levemente bojados perto da base; outros são taçazinhas ou panelinhas de

uma asa, *púcaras* e *pucarinhas* ou *pucaritas* (Lisboa, Coimbra, Visalhães) e muito empregadas no cordame dos moinhos

Ainda hoje se faz em Extremoz um púcaro com o feitio do *cantharus*, de duas asas, que se vê a cada passo nas mãos de Baco, dos Sátiros e de outras personagens do cortejo orgiaco; era utilizado nas libações dos banquetes⁽²⁾. Bocal largo, asas desenvolvidas na horizontal do bordo, é uma para revivescência grega, um dos «puros galbos gregos», que Fialho de Almeida sentia na cerâmica popular de Extremoz⁽³⁾. Seria a esta modelo que Venturini se referia quando, ao fazer a descrição da viagem do Cardeal Alexandrino a Portugal, falava de «um jarro chamado na língua portuguesa púcaro, do feitio de uma urna antiga», de barro de Extremoz, por onde El-Rei bebeu seis vezes? (4) É possível, até mesmo pelo tamanho de um palmo que com o pé alcançaria, e o italiano lhe atribuiu.

Quanto ao aspecto facial, o púcaro é rudo, sem trato posterior à cozedura; ou alisado e branido como em Extremoz (barro vermelho) e Vilar-de Nantes (barro negro); ou esmaltado quer interna ou externamente (Caldas-da-Rainha, Redondo), quer só internamente (Redondo, Viana-do-Alentejo, onde o vidrado é feito com péz; e só até o galbo, externamente (Prado).

(1) P. Carvalho da Costa, *Corografia Portuguesa*, 1708, II, p. 431 e 444.

(2) *Provas da Historia Genealogica*, I, p. 374, II, p. 348, 447, 448, 449; Joaquim de Vasconcellos, *Historia da Arte*, II, p. 9.

(3) Ramalho Ortigão *O Culto da Arte em Portugal*, p. 118.

(4) Francisco de Moraes, *Dialogos*, encorporados na ed. do Palmeirim de Inglaterra, 1624. «Dialogo III» entre uma regaleira e uma moço de estalheira, folha 31 v.

(5) D. Carolina Michaëlis, *Púcaros*, 1921, p. 19.

(6) António de Villas-Boas e Sampaio, *O Auto da Lavradeira do Airô*, 1841, p. 3.

(1) Duarte Nunes do Leão, *Descrição do Reino de Portugal*, cap. XXIII, ed. 1610, II, 48.

(2) Macrobius, *Satyras*, V, 21. — *Museo Capitolino*, IV, 30.

(3) Fialho de Almeida, *Sabam Quantos...*, Lisboa, 1912, p. 139.

(4) Alexandre Herculano, *Opusculos*, VI, 93.

Esse esmalte é lançado sobre a parte avivada de vermelho (Prado, Matra), verde (Caldas, Redondo), amarelo (Caldas, Loulé), ou manchada de diversas cores (Loulé).

São despolidos (Visalhães, Prado), ou apenas polidos por atrito, brunidos com a *pedra china*, seixo brunido, manuseado pelas *lambedeiras*, operárias das olarias de Extremoz; são outros decorados de traços mais ou menos primitivos, como linhas ondeantes, nós seriados, entrançados, os *dente-de-lobo* conhecidos pelos pesquisadores da pré-história, xadrezados, etc., tudo traçado na pasta a risco. Na louça extremocense os vasos são polidos pelas «lambedeiras» e depois decorados a esgrafito, com estilização de flores e folhas, simétricas ou em série, feitas a ponteiro no recorte e riscadas na superfície.

Em Coimbra, Extremoz, Barcelos, onde se usa esta louça brunida e decorada a esgrafito, vêem-se por vezes desenhos mais complicados de corações floridos, rosáceas, volutas decorativas, entre molduras a risco de ondas, bambolinas, cadeias de olos iguais ou alternados, ou entre simples faixas polidas.

As decorações lineares são feitas a óleo amarelo, na louçaria de Guimarães, e depois cobertas de esmalte, como em Matra, o que dá a estes púcaros, já de forma esbelta, um carácter particular com a decoração de traços e curvas, cadeias, amarelas no barro vermelho, avivado de almagre.

Com um ou outro característico especial, como os *bicados* de Loulé, com a região, com a medida que servem, ou simplesmente com as diferenças de tamanho, os púcaros tomam nomes sucessivos: *púcaros*, *neios púcaros*, *pucarinhos*, *púcaras*, *pucarinhas*; púcaros grandes para água, outros menos grandes para vinho; (*Posturas de Évora*, sec. XIV) ⁽¹⁾; *púcaras de 3 arráteis*, (litro e meio) *púcaras de água* (1 litro), *pucarinhas pequenas* (meio litro), *pucarinhos pequenos para moços pequenos* (decilitro ou quarteirão), (*Posturas de Évora*, reinado de D. João I); púcaros de quartilho, meio quartilho e outros menores (*Taxas de Lisboa*, 1611).

LUÍS CHAVES.

⁽¹⁾ Gabriel Pereira, *Documentos Históricos da cidade de Évora*, 1885-92, p. 143, 144, 181.



SUMÁRIO DAS FIGURAS

- 1 — *Mateiros* — Tondela (Beira-Alta): barro negro, mal polido, decorado de risco, brilhante, a cruj.
- 2 e 3 — *Prado* — (Guimarães, Minho): barro vermelho vivo, vidrado por dentro e por fora até o bojo, decorado de amarelo a óleo.
- 4 — *Matra* (Extremadura): barro vermelho, vidrado, decorado de amarelo.
- 5 e 8 — *Vilar-de-Nantes* — Chaves (Trás-os-Montes): barro negro, liso, riscado a ponta em fresco.
- 6 — *Loulé* (Algarve): «bicado» de vidramento branco ou amarelo sobre barro vermelho de sangue coagulado; manchas azuis, verdes ou amarelas, grandes.
- 7 — *Caldas-de-Rainha* (Extremadura): barro vermelho, vidrado só por dentro.
- 9 — *Barcelos* (Minho): barro branco-cinza, vidrado interiormente e por fora até o bojo, gola listrada de verde e cote de telha.
- 10 — *Visalhães* — Vila Real (Trás-os-Montes): barro negro, liso ou despolido.
- 11 — *Matra* (Extremadura): barro vermelho, pintado de branco, vidrado, decoração de palmetas verdes.
- 12 — *Miranda-do-Corvo* (Beira-Marítima): barro vermelho, despolido ou alisado à pressa.
- 13 — *Lisboa* (Extremadura): barro vermelho, todo vidrado.
- 14 — *Caldas-de-Rainha* (Extremadura): barro vermelho, vidrado de verde, amarelo-azul ou vermelho.
- 15 — *Barcelos* (Minho): barro cinza ou vermelho pálido, sem vidrado e mal polido.
- 16-17 — *Extremoz* (Alentejo): barro vermelho, polido, decoração riscada.
- 18 e 21 — *Id.*: barro vermelho, despolido, decoração de «espinha» a fresco, com pedrinhas embutidas na pasta.
- 19 e 20 — *Id.*: barro vermelho, polido, riscado como nas figs. 16-17.
- 22 — *Miranda-do-Corvo*: «assado» de barro vermelho-pálido, riscado com decoração, e com púcaro para beber, sobre o prato que tapa o «assado».

NOTAS



DO MÊS

A *Alma Nova*, cuja irradiação era já apreciável em Portugal e no Brasil, passa desde este número a ser vendida em todas as cidades de Portugal, em todas as capitais dos Estados Unidos do Brasil e suas principais cidades, e em New-York, Londres, Paris, Roma e Madrid. Estas quatro últimas grandes capitais serão brevemente visitadas por um dos nossos directores. A *Alma Nova* não quer fazer promessas, porque os seus directores, sendo homens de acção, preferem realizar a prometer; mas os nossos leitores vão assistir á sua rápida evolução, com praser e com surpresa, estamos disto absolutamente convencidos.

A tenacidade do nosso director Mateus Moreno, mantendo esta revista desde 1914, através de todas as dificuldades que Portugal tem atravessado; a dedicação de Saavedra Machado, fazendo convergir para a *Alma Nova* o melhor da sua obra; e o facto de agora termos conseguido que Alcântara Carreira venha formar ao nosso lado com a sua fé, o seu entusiasmo, o seu idealismo, e o seu espírito de iniciativa, eremos que hão de ser elementos bastantes para triunfamos na batalha a que desde o primeiro dia nos devotamos — de Ressurgimento Nacional, — á qual hoje acrescentamos, a do Intercâmbio Luso-Brasileiro, — acção que em breve tencionamos dilatar, a caminho dum ideal ainda maior e duma acção patriótica tamanha quanto em nossas forças caiba, auxiliados pelo considerável número de simpatias e dedicações que a *Alma Nova* já contava e as que agora lhe tráz em Portugal e no Brasil o seu novo director Alcântara Carreira.

Encontra-se há meses doente e proibido de sair de casa, o nosso querido amigo e director artístico Saavedra Machado. Por tal motivo não se realizou ainda o almoço promovido em sua homenagem, pelos triunfos alcançados com a publicação do «In-Memorial de Camilo». Não são também, por isso, da sua responsabilidade artística, tanto o presente número como os dois últimos fascículos da *Alma Nova*.

O grande mestre Colambano, figura máxima da pintura portuguesa, recebeu há poucos dias a homenagem dos seus discípulos, numa festa simples, sem exhibicionismos, mas tocante de significado e grandeza: — a entrega de um album com autógrafos de várias figuras dominantes da política e das letras, em que são apreciadas as peregrinas qualidades do glorioso Artista.

A simpática lembrança dos seus discípulos tornou-se assim numa verdadeira consagração nacional.

Acaba de partir para Paris, onde fixa residência por algum tempo, o distinto pintor modernista e nosso illustre amigo, sr. Eduardo Viana.

Entre os artistas portugueses premiados na Exposição Internacional do Rio de Janeiro, figuram alguns dos nossos camaradas de redacção, com os seguintes prémios:

Pintura — Eduardo Gil Romero, com medalha de prata, e José Samora Barros, com menção honrosa;

Desenho — João Saavedra Machado, com medalha de prata (o único premiado);

Caricatura — Francisco Valença, com medalha de ouro.

Rebello de Bettencourt, nosso camarada de redacção e belo poeta açoreano, prosador e jornalista, acaba de fazer uma viagem de recreio, pelo norte da França, Inglaterra, Bélgica e Holanda, recolhendo impressões para uma série de crónicas que a *Alma Nova* brevemente vai publicar.

A revista *Fon Fon*, do Rio de Janeiro, acaba de apresentar o resultado de um plebiscito aberto entre os seus leitores, para a eleição dos *Maiores Brasileiros da Actualidade*, nos vários círculos das actividades materiais e mentais. Foram mais votados os seguintes:

Estadistas: 1.º lugar, Epitácio Pessoa — 2.º, Washington Luís — 3.º, Assis Brasil.

Militares: 1.º lugar, Tasso Fragoso — 2.º, Cândido Rondon — 3.º, Tertuliano Potyguara.

Poetas: 1.º lugar, Alberto d'Oliveira — 2.º, Hermes Fontes — 3.º, Catulo Cearense.

Escritores: 1.º lugar, Coelho Neto — 2.º, Gustavo Barroso — 3.º, Oliveira Lima.

Artistas: 1.º lugar, Antonio Parreiras — 2.º, Rodolfo Bernadelli — 3.º, Batista da Costa.

Músicos: 1.º lugar, Guiomar Novais — 2.º, Francisco Braga — 3.º, H. Vila-Lobos.

Actores: 1.º lugar, Leopoldo Froes — 2.º, Procópio Ferreira — 3.º, Itália Fausta.

Cantores: 1.º lugar, Bidú Sayão — 2.º, Zola Amaro — 3.º, Lúcia Salgado.

Sábios: 1.º lugar, Vital Brasil — 2.º, Henrique Morize — 3.º, Teixeira Mendes.

Engenheiros: 1.º lugar, Paulo de Frontin — 2.º, Ramos de Azevedo — 3.º, Carlos Sampaio.

Médicos: 1.º lugar, Miguel Couto — 2.º, Antonio Austregesilo — 3.º, José de Mendonça.

Jurisconsultos: 1.º lugar, Clovis Bevilacqua — 2.º, Raul Fernandes — 3.º, Rodrigues Octávio.

Industriais: 1.º lugar, Conde Pereira Carneiro — 2.º, Guilherme Guinle — 3.º, Henrique Lage.

Financistas: 1.º lugar, João Ribeiro — 2.º, José Maria Wtaker — 3.º, Leopoldo de Bulhões.

Inventores: 1.º lugar, Santos Dumont — 2.º, Artur Higino — 3.º, Salviano Figueiredo.

Educadores: 1.º lugar, Carlos de Laet — 2.º, João Kopke — 3.º, J. Accioly.

Sportsmen: 1.º lugar, Arnaldo Guinle — 2.º, Guilherme Paraense — 3.º, Alvaro Silva.

A *Alma Nova* publicará no próximo número:
Página dos Desportos, Teatros, Biblioteca Militar
e alguns dos outros artigos já anunciados



ULTIMAS PUBLICAÇÕES

D A S

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

O Mundo Depois da Grande Guerra, por Luís Schwalbach, br.	5\$00
Antologia de Afonso Lopes Vieira, br.	10\$00
Revista Lusitânia, N. ^{os} 5 e 6 juntos, br.	20\$00
Divina Tristeza, por Paço d'Arcos, br.	8\$00
Maldita Seja a Guerra, por Ribeiro de Carvalho, br.	5\$00
Camões Lírico, 2. ^o vol. — Antologia Portuguesa, br.	10\$00
Lições de Pedologia e Pedagogia Experimental, por Dr. Faria de Vasconcellos, br.	20\$00
Tapeçarias da Tomada de Arzila, por Dr. Reynaldo dos Santos, br.	40\$00
Tropa d'Africa, 2. ^a edição, por Carlos Selvagem, br.	10\$00
Filhas de Babilónia, 3. ^a edição por Aquilino Ribeiro, br.	10\$00
A Burguezinha, por A. M. Lopes do Rego, br.	10\$00
Almanach Bertrand p. ^a 1926, br.	9\$50

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73 — Rua Garrett — 75

LISBOA

Fornecimentos e informações de todas as publicações nacionais e estrangeiras. Na volta do correio são enviados todos os livros que lhes sejam pedidos, a cobrar ou mediante a importância acrescida do porte.

Sacursais, Depositários e Correspondentes em todo o continente, colónias e estrangeiro

Livros Brasileiros

à venda nas principais
livrarias de Lisboa
e nesta Administração:

Perfumes, de Onestaldo de Pennafort
A Cidade Mulher, de Alvaro Moreyra
Vida Fútil, de Peregrino Junior
Cocaina, de Alvaro Moreyra
Carrilhões, de Murillo Araujo
Alma, de D. Anna Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça
Um sorriso para todos, de Alvaro Moreyra
Entardecer, de Silveira Bueno
Exaltação, de D. Albertina Bertha
Poemas da Distancia, de Góes Filho
Entrevistas, de João Luzo
Cidade de Ouro, de Murilo Araujo
A Olavo Bilac, de Alvaro Moreyra
Poesia, de Atilio Millano
Oração ao Sol, de Renato Travassos
Canções do Brasil, prefácio de Brito Mendes
Sabedoria dos Instintos, de Pontes de Miranda
Os Menezes de Haddock Lobo, de João Luzo
Astros e Abyssos, de Luiz Carlos
Os Bruzundangas, de Lima Barreto
O Folk lore, de João Ribeiro
Estudos, de D. Albertina Bertha
Sociologia e Estetica, de Gama Rosa
Romanescos e Cirano de Bergerac, tradução de C. Porto Carreiro
Castellos na Areia, de Olegario Mariano
Estudos criticos, de José Maria Belo
Mulher Nua, de D. Gilka Machado
Teatro, de Goulart de Andrade
Despertar, de Hermes Fontes
Arte de fazer graça, de Procopio Ferreira
Alma barbara, de Alcides Maia
Poesias, de Luis Murat
Ultimas Cigarras, de Olegario Mariano
Noite de Caliban, de Teixeira Soares
Atalanta, de Cassiano Ricardo
A coragem de amar, de Sylvio Floreal
A Mulher é uma degenerada, D. Maria Lacerda de Moura
Sonhos, de Lellis Vieira
1830, de Paulo Gonçalves
José Bonifacio, de Lellis Vieira

Revistas: «Ilustração Brasileira», «Leituras para todos», «Para todos», «Malho», «Tico-Tico», «Vida Doméstica» e «Frou-Frou», do Rio de Janeiro; «Novíssima» e «Terra e Mar», de S. Paulo; **Jornais:** «Folha da Manhã» e «Folha da Noite», de S. Paulo.

A CRISE DO ENSINO RESOLVIDA EM PORTUGAL

SÓ NÃO APRENDE QUEM NÃO QUERE

CURSOS DE
AERONÁUTICA
AUTOMOBILISMO
ELECTRICIDADE
"CHAUFFAGE" CENTRAL
CIMENTO ARMADO

Ensino sempre por correspondência. Todos os cursos em língua francesa. Diplôma no fim dos cursos. Pagamento a prestações mensais. Proporcionam-se colocações aos alunos que os concluem. Certificados de estudos devidamente reconhecidos pelas altas esferas francesas e belgas. Prestam-se todas as informações. Pessoalmente trata-se todos os dias úteis das 16 às 18 e das 21 às 23 horas.

Escrever ao representante em Portugal do INSTITUTO MODERNO POLITÉCNICO
Rua Almeida e Sousa, 53-r/c-D-LISBOA



«Croquis» de um aluno

UM CONVITE!

A TODOS OS QUE SE INTERESSAM

PELO DESENHO

PELO desenho podeis instruir-vos e esquecer os dissabores diários, anotando com o lápis ou o pincel as impressões pessoais, discernindo os momentos felizes da vossa existência e fixando-os duma vez para sempre no vosso album de «croquis».

O CURSO A B C ensinar-vos-há imediatamente a fazer «croquis», desde a primeira lição, indicando-vos os princípios do desenho, pelo seu único método de ensino individual e pessoal.

Venceis assim as primeiras dificuldades e sereis rapidamente senhores do vosso lápis e do vosso pincel.

Os que receiam não desenhar convenientemente, se quiserem, se sentirem o desejo, se apreciarem as coisas artísticas, em breve terão a técnica do desenho. O que vos falta é um guia.

Consintam, pois, que o curso A B C vos mostre como aí chegam! Dêem hoje o primeiro passo, escrevendo-nos para pedir gratuitamente o nosso album de luxo, ilustrado pelos nossos alunos e que vos dará todas as indicações sobre o funcionamento do curso.

Não há um dia que não saibamos de novos êxitos de alunos. Extracto de «Bulletin Trimestriel de la Société des Artistes Antillais», acerca dum concurso para um novo selo:

«M. de Chamberland (aluno do curso A B C), que foi o primeiro diplomado desse concurso, recebeu as felicitações do governador, na inauguração dos artistas das Antilhas e também a carta de que extractamos o seguinte:

«Folgo muitíssimo em transmitir-lhes as minhas sinceras felicitações, agradecendo-lhe igualmente o facto de ter trazido o concurso do vosso talento a esta festa!...»

Também podeis obter igual êxito e além disso tirar uma parte prática do desenho, applicando-o à illustração, à moda, à publicidade, à ornamentação, etc., etc.

COURS A. B. C. de Dessin «Atelier 112»

12, Rue Lincoln (Champ Elysées), PARIS — FRANÇA

FOTOGRAFIA PORTUGAL

CALÇADA DO DUQUE, 18 - LISBOA

Retratos de Arte — Fotografia
de quadros e ampliações
OS MELHORES PREÇOS

CURSOS DE ESCRITURAÇÃO :: E CONTABILIDADE :: POR CORRESPONDÊNCIA

No ano da fundação do Instituto Nacional de Ensino por Correspondência (em 1919), effectuaram-se 237 matriculas. No ano seguinte o numero de alunos foi além de 700 e de então para cá esse numero tem crescido de modo tal que bem poucos são os estabelecimentos de ensino que contam anualmente tão grande frequência. Isto prova que são muitas as vantagens dos cursos professados no Instituto Nacional, devedo a este a maioria das matriculas que se vão registando diariamente a propaganda feita não só por aqueles que se habilitaram no Instituto, mas também por todos os que, não tendo ainda completado os estudos, reconhecem já quanto são proveitosas as lições cujos trabalhos executam em casa, agradavelmente, sem o menor transtorno. Uns e outros asseguram, pois, ao Instituto Nacional um êxito cada vez maior, lastimando muitos o tempo que levariam a tomar a resolução de requisitar matricula por, na sua boa fé, terem dado ouvidos aos que, com ignorância ou interesse, depreciam o ensino por correspondência, que no estrangeiro já há muito sobrepujou as lições em classe e a horas certas.

As condições para a matricula nos cursos de Escrita e Contabilidade são remetidas gratuitamente a quem as solicitar ao Instituto Nacional — Largo Trindade Coelho, 6 — LISBOA.

Em breve vão começar os trabalhos de composição e impressão de novos cursos na tipografia que para esse fim o Instituto montou agora na sua sede.

RECOMEN DAMOS

Fotograv. Nacional L.^{da} — R. da Rosa

Tabacaria Mónaco — Rocio, 21

• Barbosa — R. do Carmo

• Americana — Chiado

• Inglesa — C. do Sodré

• Neves — Rocio, 42

LISBOA

ESTABELECIMENTOS
DA MAIOR CONFIANÇA

FOTOGRAVURA NACIONAL L.^{da}



Rua da Rosa, 273
LISBOA
TEL - NORTE - 3538

NÃO DE-
MORE A
REMESSA
DO SEU
ANÚNCIO
PARA O
PRÓXIMO
NÚMERO

Litografia MATA

★ | A MELHOR OFICINA DO PAÍS | ★

Trabalhos litográficos
em todos os géneros

De mais baratos
por serem os mais perfeitos

FABRICO DE CARTAS DE JOGAR
GERMANO & C.^{as}

Certas para todos os jogos, em cartões de linho
transparente, traçado, e algodão.
Jogos da Vitoria, Assaltos, Domino, Loto, etc. Venda
avulsa de nítulos para licenças, cartões, agendas, etc.

Escritório Central — R. da Madalena, 60 a 70 —
LISBOA

Officinas — R. do Bacio, 2 e 4, 5 e 6 (Edifício proprio)
LISBOA

TELEF. 6177 C.

A MELHOR SARDINHA DE PORTUGAL



GOUVEIA & SANTOS

R. ASSUNÇÃO 42-2º LISBOA - PORTUGAL
ENDEREÇO TEL - GOUVEISSAN - TELEFONE - N - 5396

M A R C A S
DE COMBATE

LA CONQUÊTE E FRIANDISC